

# O CORUJA

Direção: Célia Ramalho  
Edição: Câmara Municipal de Coruche  
Redação: Helena Diogo Claro  
Revisão: Ana Paiva  
Execução gráfica: Helena Diogo Claro  
Impressão: Gráfica Moderna  
Tiragem: 2000 ex.  
17 de agosto de 2012

EDIÇÃO ESPECIAL

## AS TRADICIONAIS FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DO CASTELO | AGOSTO



Toda a região do Vale do Sorraia presta mais uma vez o seu culto à sua Padroeira, Nossa Senhora do Castelo. "A bela imagem histórica da Virgem com o Menino ao lado, que vive durante um ano no silêncio recolhido da sua ermida, torna na quadra festiva de cada 15 de agosto o encanto sempre novo de uma grande aparição, e os olhos que de perto ou de longe a contemplam, sentem-se comovidamente presos à doce luminosidade divina da sua amada Rainha que, com seus olhos de mãe e de protetora, domina lá do alto as gentes e as terras, os

montados e os rebanhos, as searas e os vinhedos" (O Sorraia, 83: 1).

Coruche põe, novamente, todo o zelo em se preparar para as festas em honra da sua padroeira. Branqueiam-se as fachadas, iluminam-se as ruas, enfeitam-se as janelas, preparam-se os melhores trajes. A vila engalanada prepara-se para receber aqueles que a vida levou para fora da terra e que no dia da festa regressam ao lar.

### Cortejo Histórico e Etnográfico

Realiza-se no dia 17 de agosto, dia dedicado aos campinos do Sorraia

# CORTEJO HISTÓRICO E ETNOGRÁFICO | 2012

## OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

Integrado no programa das Festas do Castelo, o dia do Campino é uma das maiores manifestações das atividades da nossa vida agrícola e da nossa história, e um dos dias que faz deslocar a Coruche muitas pessoas. Logo pela manhã, é notória a grande afluência de povo e turistas, que vão enchendo e dando grande movimento e alegria à nossa vila.

O Cortejo Histórico e Etnográfico, este ano sob o tema "Os Movimentos Migratórios", retrata, de forma cronológica, estes acontecimentos que decorreram ao longo de várias décadas nesta região. Relembrando, assim, a trajetória de algumas famílias, vindas de fora e hoje radicadas no concelho de Coruche, dos que iam e dos que vinham em trabalhos sazonais, bem como aqueles que saíram da terra à procura de uma vida melhor e que voltam todos os anos pelas festas, matando as saudades da família que ficou e da vila que tão bem os recebe.

Os campinos, símbolo do valor e do trabalho, a quem este dia é dedicado, garbosamente montados nos seus cavalos e em representação das casas agrícolas, abrem o cortejo. Figura imponente e bem alinhada, envergando com orgulho o seu fato de cores garridas, faz as honras da casa, marchando à frente e prestando recepção aos que nos visitam.

Logo de seguida, dando ritmo e música ao cortejo, vem a Banda da Sociedade Instrução Coruchense, fundada no ano de 1896 por Artur Peixoto Ferreira (Landal), filho do Visconde de Landal. Nascido em Santarém, veio muito jovem para Coruche, tornando-se Coruchense de coração. Um migrante que se fixou nesta vila, à semelhança de tantos outros que, vindos de longe, aqui se estabeleceram, "reforçando os alicerces desta terra e tornando-se coruchenses também" (Veiga, Maria da – "Prefácio", in Bento, 2003: 7).



Banda da Sociedade Instrução Coruchense, 1898

Trajando a preceito e relembrando tempos antigos, seguem montados em belos cavalos, homens, mulheres e crianças, representando a vida campesina e tradicional das gentes de Coruche.

E assim se dá início ao cortejo.



Campinos do Sorraia

Estamos nos finais do século XIX. A população da Lamarosa era constituída por gentes laboriosas, que trabalhavam com alegria e, segundo consta, oriundas do Norte, talvez da Beira Litoral, que em tempos emigraram. Eram na sua maioria agricultores, negociantes de lenha e cortiça. Durante muitos anos esteve isolada e distante de Coruche, devido à mata da Agolada, que era muito densa, e as pessoas não se arriscavam a deslocar depois do pôr do Sol. Nesta época em que a cortiça ainda não era valorizada, mas sim os negócios com a lenha e o carvão, os proprietários da Herdade da Pandeira, situada no Zebro, efetuam um negócio, muito mal visto na época pelas gentes da Lamarosa e comentado na herdade pelas mulheres que andavam a desmoitar. Pelo valor de 1200 réis, pagos no ato, a Herdade é arrendada por 99 anos, para a extração da cortiça, a uma senhora vinda do Algarve, que realiza o negócio diretamente com os proprietários.

"A extração da cortiça, desde o início de junho a agosto, era uma tarefa masculina que exigia especialização, começando o *novel* por aprender com um tirador experimentado até atingir ele próprio essa condição" (Godinho, 2001: 104).

No entanto, do Algarve, em réguas de machos apetrechados, chegavam tiradores, aos quais bastava ter vontade de trabalhar e uma machada, extraindo a cortiça até aos limites.



Daí a expressão ainda hoje utilizada: "Até parece um algarvio a tirar cortiça! Só não lhe tiras é as folhas."

"Dormiam sob os arvoredos, aí escolhiam os queimadores perto de água a fim de prepararem os fardos com quatro a cinco arrobas, os quais, em grupos de dois, punham ao dorso dos machos – a carga –, levados até ao Algarve..." (Garcia, 1948: 27).



A tirada da cortiça



Carregamento de fardos de cortiça

Na década de 20 a Branca era uma zona de charneca e boas terras para a agricultura. À estação de comboios de São Torcato chegavam famílias vindas de várias zonas do norte (Viseu, Tondela, Carregal do Sal), a quem chamavam *barrões*, para virem trabalhar nas arroteias. Alguns vinham com a

família pois não conseguiam manter duas casas. Devido à grande pobreza destas gentes, que não podiam pagar para se deslocarem de carroça, o trajeto da estação para a Branca era feito a pé e com os talegos presos num pau, às costas. Traziam apenas algumas roupas, pão para a viagem e nada mais. Vinham começar uma vida nova. Quando chegavam, os homens tinham o trabalho das arroteias. Um trabalho duro e feito com enxadões, em que cortavam o mato, limpando os terrenos.

Estes, pertencentes à Casa Agrícola do Monte da Barca, eram arrendados às famílias, que escolhiam a zona que mais lhes agradava.

Os foreiros pagavam um foro de 10\$02, no dia 10 de setembro, na Casa Agrícola situada na Praça do Comércio, atual Praça da Liberdade. Era uma tarefa sempre efetuada pelos homens, que se deslocavam a pé até à estação de São Torcato, onde apanhavam a automotora até à estação da Quinta Grande, fazendo depois o restante percurso até Coruche a pé. Ao longo dos anos, as famílias que conseguiam juntar algumas economias acabaram por comprar os seus terrenos, tendo aqui início os aforamentos que levaram ao povoamento da freguesia.



Praça do Comércio (atual Praça da Liberdade)

Gente pobre, mas humilde e trabalhadora, trabalhava de sol a sol. Os homens, depois dos campos limpos, iam trabalhar para a eira. Trajavam colete e barrete preto, camisa e calças feitas de remendos de vários tecidos. As mulheres usavam saias compridas de diferentes cores, camisa de manga comprida e de aba por cima da saia, lenço colorido e avental. Roupas que elas mesmas faziam, ajudando na economia da casa, ao mesmo tempo que tomavam conta das crianças.



Trabalho na eira

A abundância de peixes no rio Sorraia foi um dos fatores que contribuiu para a vinda dos pescadores apelidados de Avieiros, por serem oriundos da Praia de Vieira de Leiria, que partiam em busca de melhores condições

de vida. Estes movimentos migratórios eram sazonais, alternando entre o verão de Vieira de Leiria e o inverno das margens do rio Sorraia. Com o tempo alguns acabaram por se fixar e constituir família. Como os Ramusgas, em Coruche, que começaram por deslocar-se no início do século XX, acabando por se fixar a partir dos anos 30.



Família Ramusga

Viajavam em grupos, de comboio, carroça ou na camioneta da carreira. Construíam as suas bateiras, também chamadas de chatas, nas margens do Sorraia, local onde também viviam em construções de lona, madeira e juncos. As mulheres, com o seu modo elegante de andar, passo miúdo mas rápido, saia de xadrez de lã, avental, grandes brincos e lenço estampado na cabeça, mas atado à moda da praia, com a canastra à cabeça e apregoando o peixe nas ruas da vila, tornaram-se conhecidas por venderem o peixe da época. Tinham sempre um sorriso brejeiro e resposta na ponta da língua.

"Olha a bela fataça, saboga e barbos!"

Na década de 30, no Couço, era notória uma grande disparidade económica, com fortes assimetrias sociais e desemprego sazonal. Algumas famílias começaram então a sair da aldeia do Couço e lugares próximos para a Herdade de Pinçais, propriedade do Dr. Mário Malta. Esta foi o centro de uma exploração agro-pecuária e florestal que abrangia várias herdades em redor e que dava trabalho a dezenas de trabalhadores permanentes e a mais de uma centena sazonais.

Deslocavam-se a pé ou de carroça, praticamente com a roupa do corpo. Em Pinçais todos os trabalhadores eram efetivos (chamados de justos), trabalhando todo o ano na herdade. Quando o trabalho escasseava ou era necessário, iam para outras herdades do mesmo dono, como as Herdades da Areia e do Caldeiril, perto da Salgueirinha.

As terras eram todas cultivadas com as chamadas parganas, cultura de espiga. Havia ainda os guardadores de gado, os ajudas, os moirais, o carreiro, o feitor, entre outros.

Os donos das propriedades davam aos seus trabalhadores as comedarias, para compensar o pouco ordenado. Recebiam também em géneros: feijão, azeite, porcos, que matavam no fim do ano, farinha (feita pelo moleiro de Carregais, o Sr. Dimas Gomes) para fazerem o pão, de trigo no verão e milho no inverno. Chegaram a existir mais de vinte famílias na Herdade de Pinçais.



Residentes da Herdade de Pinçais

O Estado fez construir uma escola primária em terreno cedido pela herdade e chegou a funcionar um comércio rudimentar: taberna, mercearia, banca com venda de louças, abegoaria...

Antoniozinho veio das Brotas e foi a primeira pessoa a montar uma taberna e mercearia, esta ao encargo da mulher, D. Felisbela Barbosa, em Pinçais. A taberna e a mercearia ficavam na mesma casa, com um balcão único, mas facilmente identificado, de forma separada entre homens e mulheres. De um lado os homens na taberna e de outro as mulheres na mercearia.

Este era o local onde os homens das herdades se encontravam para jogar à malha e falarem do seu trabalho depois de um dia árduo, bebendo o seu copito, enquanto as mulheres se aviavam na mercearia.

Recordamos aqui um episódio cómico do senhor Antoniozinho que, um dia, ao ir abastecer-se a Coruche de vinho para a taberna, se deixou dormir em cima do "macho". No entanto, como o animal já sabia o caminho, lá apareceu no monte o Antoniozinho a dormir em cima do macho...

Na década de 40 chega ao Couço uma família vinda de Pavia. Januário Anastácio, de 35 anos, decide, como negociante de gado profissional, estabelecer-se na aldeia de Santo António do Couso (antiga designação da aldeia) para abrir mais um talho (em Pavia já tinham um). Consciente da localização central da urbanidade do Couço, centro rico em comércio e de passagem, estabelece contactos privilegiados com uns comerciantes locais, de família reconhecida como "Borlinhas", que já estavam estabelecidos no setor das carnes com um pequeno talho, e decide comprar o trespasse do negócio, ficando a pagar uma renda ao Dr. Joaquim Pereira, dono do edifício, com vista mais tarde a poder ampliar o negócio e a ter as suas próprias casas.

Além de Januário, vêm nesse período quatro das suas irmãs. No início a família ficou a residir numa casa próxima do talho, durante

cerca de três anos. Mais tarde compram duas casas, que vieram a ser uma das mercearias locais e local de residência dos mesmos.



As Irmãs de Januário: Arcangela Rodrigues, Antónia Valério, Leonor Valério e Francisca Pereira

Na mercearia vendia-se de tudo um pouco: além dos produtos correntes, também a cal e o petróleo, tecidos, a louça vinda do Redondo, os cestos de verga habilmente concebidos pela D. Felismina Pegacha, do Pego, conhecida como a *Flesimina Pinceleira*, porque fazia os pincéis de palma, para caiar; alugavam os seus "petromax" para os casamentos, o azeite de Elvas; também os enchidos dos porcos, a banha, as peles de borrego, providas da criação e matança destes animais... À mercearia, além da população local, iam as Galegas, mulheres que vinham de Viseu trabalhar sazonalmente para a zona do Couço, as famílias que vinham para os campos de sequeiro, no trabalho das parganas; outras vezes os trabalhadores que vinham de fora abasteciam-se e o manajeiro depois ia lá pagar. Os produtos vendidos à população muitas vezes eram negociados em troca de bens; por exemplo: algumas famílias criavam um porco e entregavam-no em troca dos bens adquiridos na loja.

Ao balcão da mercearia ficavam as irmãs de Januário, nome pelo qual, devido à presença destas no negócio, fica conhecida a mercearia: "A loja das Januárias".



"A loja das Januárias"

No lugar da(s) *Palminha(s)*, pertencente à freguesia do Couço, distribuído por vários casais, cujos proprietários eram todos da mesma família, viviam os *Palminhas* em comunidade autossuficiente. Criavam animais, galinhas, patos, perus, ovelhas, porcos – cabendo o trabalho de os guardar aos mais novos –, cultivavam as terras, tinham azeitona, vinha, boleta e extraíam a cortiça. Com os rendimentos da exploração da propriedade, principalmente com a tirada da

cortiça, começam nos anos 30 e 40 a comprar fazendas situadas no Monte do Deserto, atualmente Rua Nova do Deserto, próximas da então aldeia do Couço. Inicialmente, nestas fazendas tinham só hortas e árvores de fruto, começando mais tarde a construir as casas. Nos finais dos anos 40 começam a mudar-se para as fazendas, perto do centro do Couço, abandonando o isolamento do lugar da *Palminha*, ficando cada herdeiro com a sua própria casa. Os últimos casais saem da propriedade nos finais dos anos 60, princípio dos anos 70.

No ano de 1939, a 8 de Julho, funda-se, em **Coruche**, a **Liga dos Panificadores de Coruche**, que veio substituir os antigos fornos, quer comunais quer familiares. Os seus membros fundadores foram: Eugénio António da Silva, Francisco Luís Madeira, Luís da Silva Rosado, Mário Lopes de Carvalho (conhecido por Mário Padeiro), Avelino Fernandes Belo, Joaquim Vicente da Costa, António Artur da Costa e António Teles.

Mais tarde, em 1964, a Liga englobou mais sócios, pessoas que tinham pequenas padarias no concelho, passando a chamar-se **Panificadores Reunidos de Coruche, Lda.**



Padeiro e patrão

Estamos na década de 40. Partiam de **Coruche** ranchos de gente para o Sul, para trabalharem para os grandes ceareiros, que pagavam melhor. Os trabalhadores locais não bastavam para a realização dos trabalhos e a estes juntavam-se gentes vindas de longe, contratados por épocas sazonais. Era gente muito pobre, vinda do Norte (Coimbra e Baixa da Banheira), em grupos previamente organizados pelos manajeiros e apelidados localmente por caramelos. "A alimentação e o alojamento dos ranchos eram, em geral, miseráveis e o trabalho penoso. Tinham uma atitude humilde que muito agradava aos que os empregavam, além de ganharem menos e trabalharem mais horas que os assalariados locais" (Godinho, 2001: 92), motivo pelo qual eram hostilizados pelos trabalhadores residentes.

Vinham nos finais do mês de janeiro para a cava do arroz, acabando por ficar para outros trabalhos relacionados com a vindima. Como é o caso aqui retratado, dos ranchos a *surrubar* e *banquear* a terra para trás, metro a metro.

Trabalhavam em grupos de quatro ou cinco homens, com o mandador sempre com a enxada a fazer os movimentos que os outros seguiam cavando e cantando.

*Altas e galeadas  
Poucas e bem mandadas  
Eh caramelo da Beira,  
Arruma-me essa barreira!  
Enxada que vais para a terra.*

(Quando chegava à risca)

*Alto e corta à risca.*

*Eh caramelo,*

*Vamos à passara à Maria Francisca!*

De seguida a terra era *desmanteada* (arrasada) e *picotada* com canas dispostas de metro a metro para os bachelos.



Aguadeiros

"Na [Fajarda a] agricultura das décadas de 40 e 50 do século XX teve especial relevância a cultura do arroz nos vales do Mondego, Sado e Sorraia, e, não se dispendo da maquinaria e dos produtos químicos que mais tarde vieram a ser introduzidos na agricultura, a mão de obra relacionada com esse setor agrícola era disputada por qualquer daquelas regiões; a Fajarda, cuja população era nessa altura constituída por mais de 95% de trabalhadores rurais, viveu intensamente essa época.

À Estação da Agolada chegavam no início do verão, para a monda do arroz, os ranchos vindos do norte, de Cantanhede, da Carapinheira, de Soure e Pombal, todos eles relacionados com a cultura do arroz no vale do Mondego e seus afluentes, e que na gíria dos fajardenses eram todos designados por *barrões* independentemente das suas terras de origem; ao mesmo tempo, ranchos da Fajarda partiam para o vale do Sado, para a Herdade da Batalha, Barrosinha, Comporta, etc.; no final do verão dava-se o movimento inverso, chegada dos ranchos da Fajarda e partida dos ranchos do norte.

Por vezes coincidia a chegada dos ranchos do norte com a partida dos ranchos da Fajarda e aí a estação da Agolada tornava-se um mar de gente nunca visto, entre os que partiam e os que deles se vinham despedir, mas também entre os que chegavam e os ganhões que os vinham esperar para os levar até às respetivas herdades, entre as quais se destacavam a da Agolada, a do Cascavel e a da Amieira; a estação adquiria então um fervilhar [...] fascinante, não só pela chegada e partida do comboio mas também pelo colorido, onde contrastavam as cores claras das blusas de chita das mulheres da Fajarda, bem como das camisas de riscado dos homens, com as cores mais escuras e de tecidos mais encorpados das pessoas que chegavam do norte, em que eram notórios os grandes quadros escuros das camisas dos homens, tal as cores escuras das saias das mulheres que, para não chegarem aos pés, eram cingidas à anca com uma cinta preta, enquanto as saias de chita azul ou de ganga das mulheres da Fajarda não iam muito abaixo do joelho e ostentavam coloridas barras vermelhas e brancas.

Terminado o alvoroço da chegada e da partida do comboio, era altura dos que tinham acabado de chegar carregarem os seus farnéis para os carros de bois ou das parelhas de mulas que os haviam de levar até ao quartel no Monte da Agolada, ou no angar do campo de aviação no Cascavel, e o respetivo rancho seguia a pé, por caminhos de terra areenta da charneca povoada de sobreiros ou de eucaliptos, o que para os que vinham pela primeira vez não deixaria de ser surpreendente, pois a paisagem era bem diferente daquela a que estavam habituados. Ali chegados deparava-se-lhes o grande barracão, o quartel que durante dois ou três meses era a casa comum de dezenas de pessoas, homens e mulheres que por vezes nem sequer se conheciam, pois provinham de aldeias diferentes, mas que ali partilhavam do mesmo espaço e em que privacidade era coisa que deixava de existir; e no dia seguinte era dia de trabalho porque o arroz estava à sua espera para se libertar das ervas daninhas, como a milhã, o azevém, os espetos e a orelha de mula."



Rancho de mulheres da Fajarda no arroz

"E era no trabalho, em que naturalmente também havia os ranchos locais, que se notavam os maiores contrastes, não só nos

trajes quanto a cores e formas, de como por exemplo as mulheres usavam os lenços na cabeça, os grandes chapéus de palha dos homens do norte contrastando com os bonés dos homens da terra, mas também na maneira de cozinhar o almoço no local de trabalho, contrastando as panelas de barro dos ranchos locais com as pequenas caldeiras dependuradas sobre a fogueira ou o grande caldeirão coletivo de certos ranchos dos barrões, e também na forma reverente como aqueles ranchos encaravam o respetivo maioral [...].

Mas o mais curioso para os locais era o sotaque e a forma de falar daquela gente; por exemplo, em seertas combersças, quando se falava da iágua e, muito especialmente, do binho – de que as mulheres do norte não se privavam de beber um copo ao balcão quando, ao sábado, se deslocavam à loja dos Bentos [...], para aviar o farnel da semana, o que aos olhos das mulheres da Fajarda era o maior escândalo já visto.

Mas em qualquer lugar que se encontrasse um destes ranchos não deixava de haver ao sábado um bailarico ao toque da concertina e qualquer rapaz da Fajarda que se prezasse não faltava ao *balho das barróas*; [...] por vezes o intercâmbio até dava origem a namoricos que raramente sobreviviam para além da época da monda, apesar de uma vez ou outra terem resultado em casamento." (Fonseca, 2012)



A adiafa, barróas do Soure

A *Coruche*, na mesma época, chegavam ranchos de mulheres de Tomar e Cantanhede, que vinham por períodos de seis meses para a plantação e monda do arroz e só abalavam depois da ceifa. Estas ficavam instaladas nos barracões da Omnia, onde tinha lugar o já referido baile das barróas.



Quartel no Monte da Barca

As mulheres punham a sua melhor roupa e compunham o cabelo com azeite. A rapaziada de Coruche abalava a pé, levando a braços, e para animar o baile, o

acordeonista, Manel Ceguinho. Alguns levavam uma garrafa de cerveja cheia de aguardente, que servia de moeda de troca para conseguir dançar uma moda com a "Diamantina Barroa", uma mulher de grandes medidas, a quem todos respeitavam e obedeciam. Muitas vezes, o que acontecia era que, quando a Diamantina ia beber a dita aguardente, esta de álcool já quase nada tinha, porque os outros já a tinham bebido às escondidas e voltado a encher de água.



Procissão de Nossa Senhora do Castelo, 1947

Mas a Festa em Honra de Nossa Senhora do Castelo era a mais conhecida e a que mais forasteiros atraía a Coruche. No dia 15 de agosto chegavam gentes em grandes caravanas, os *romeiros*, para pagar as suas promessas, agradecer ou simplesmente por devoção à sua Padroeira. Vinham de vários lugares, utilizando os meios de transporte que dispunham de acordo com a sua condição: a pé, de carroça, de carro, de burro ou a cavalo.

Muitos chegavam de véspera, para o "fogo", pernolitando no terrero do Castelo e em terrenos circundantes. Traziam os seus farnéis, que comiam onde arranjassem lugar: no jardim, nos largos, pela avenida. As raparigas vinham sempre em companhia dos pais e já com o seu vestido novo, mas com a saia dobrada para cima para não se enxovalhar.

A meio da tarde do dia 15 começavam a concentrar-se na esplanada do Castelo, incorporando-se no cortejo religioso e cumprindo as suas promessas, num ambiente de total veneração.

Na década de 50 as gentes do Biscainho mudavam-se, nos meses de janeiro a agosto, de "armas e bagagens" para Elvas, em busca de melhores condições de vida.



Da camioneta da carreira, pessoas e trouxas saíam do largo da igreja e do "diabo" (cruzamento onde existia a taberna e a caixa do correio) rumo aos arrozais do Guadiana.

"Assentavam praça no quartel" das Herdades do Monte Campos, D. João,

Alagada, junto ao Guadiana, para onde iam trabalhar.

O quartel era o barracão onde, debaixo do mesmo teto, todos dormiam no chão. Uns em esteiras outros em colchões de camisas de milho ou lã de ovelha, agasalhados por mantas ribatejanas e lobeiras. Sem paredes interiores, os limites eram definidos, inicialmente, pelas arcas, trouxas e bagagens. Mais tarde estenderam-se panos em cordas para separar os casais de raparigas e rapazes solteiros.

De manhã cedo, antes de saírem para o trabalho, as mulheres deixavam o almoço da família preparado dentro da panela de barro para a cozinheira confeccionar.

As crianças em idade escolar frequentavam a escola da Herdade da Torre de Bolsa e, no final das aulas, regressavam ao quartel onde a cozinheira, enquanto tomava conta dos almoços, tomava também conta das crianças. As mais velhas ajudavam em algumas tarefas menos pesadas. Ao jantar, cada família confeccionava a sua refeição.

No trabalho os ranchos ribatejanos e alentejanos não se "misturavam", embora pudessem trabalhar na mesma sementeira. Normalmente os homens preparavam a terra para a sementeira com a ajuda das mulheres e, na altura da monda, eram estas que a faziam com a ajuda dos homens.

Se no trabalho "não havia misturas", o mesmo não acontecia no final da colheita e vésperas do regresso a casa, quando se realizava a adiafa (almoço reforçado).

Era um convívio entre ribatejanos e alentejanos em jeito de adeus e até ao próximo ano, onde se comia e bebia, tocava, cantava e bailava músicas e canções da época, alusivas aos trabalhos e vida no campo.

**Nos finais da década de 50 as gentes de Santana do Mato** reuniam-se na Praça de Trabalho, em busca de trabalho assalariado nos campos. O mesmo local era espaço de partida para outros pontos geográficos do país, maioritariamente para a zona da Azambuja e de Vila da Rainha, locais onde iam para as mondas de arroz e para as azeitonadas, as principais migrações de trabalho desta população.



Campos de arroz

Aos domingos à tarde as raparigas combinavam umas com as outras a procura de trabalho. Assim, às segundas-feiras, logo

cedo pela manhã, lá apareciam na Praça de Trabalho aos pares, ou em grupos de três ou quatro raparigas, com vista a conseguirem trabalho para o mesmo local, acordando também as condições com os manajeiros, dado que, em função das herdades e locais de trabalho, eram variáveis os preços da mão de obra. Por exemplo, quando um manajeiro junto de um grupo de quatro raparigas dizia:

– *Só tenho trabalho para essas três.*

Respondiam logo todas:

– *Ó vamos todas, ó na vai nenhuma!*

E lá se acordavam preços, condições e deslocções. Claro que muitos manajeiros, com receio de perder certos grupos de raparigas para outro manajeiro, que dava melhores condições, dizia muitas vezes:

– *Ó raparigas, vamos lá atã, qu'hoje ainda temos d'ir fazer duas ou três horas.*

Isto para as colocar a trabalhar e fidelizá-las ao patrão e ao local onde estava destinado o trabalho.

Quando se deslocavam para fora, em trabalhos maioritariamente sazonais, contavam com o transporte de gigas, mantimentos e mantas em pequenas arcas de madeira, concebidas para esse efeito, e alguma loiça de esmalte. E, assim, lá partiam cantando:

*Adeus Foros de Santana  
Já os telhados te vejo  
Onde mora o meu amor  
A prenda que eu mais desejo*

*Adeus Foros de Santana  
À roda são cravos brancos  
Onde o meu amor passeia  
Domingos e dias santos*

*O meu amor imigrou  
Lá vai no mar imigrado  
O lenço que me deixou  
Sabe o que eu tenho chorado*

*À entrada de Santana  
Dei um ai e suspirei  
Adeus meu amor adeus  
mesmo agora aqui cheguei*

No quartel de residências sazonais, nessas zonas geográficas afastadas do município de Coruche, a organização do mesmo pela população de Santana do Mato ia ao encontro dos seus usos e costumes.

**Na região de Coruche intensificava-se pelos anos 60 a cultura do tomate**, levando a população local a repartir os trabalhos do arroz e das culturas de pragana com as searas de tomate, trabalho executado exclusivamente pelas mulheres locais. Era, no início e antes da mecanização, um trabalho manual muito cuidado, em que as mulheres escolhiam o tomate, acondicionando-o em caixas de madeira, transportando-as depois à cabeça até aos tratores. Os homens

também ajudavam no transporte das caixas, carregando-as ao ombro e depois empilhando-as para seguirem para a fábrica, a Cooposor.

Ao chegarem à fábrica eram descarregadas, acabando muitas delas por se danificar. Eram então levadas para uma secção, onde se procedia à sua reparação e devolvidas novamente às searas.

A mão de obra era então escassa e para trabalhar na fábrica, nas linhas que conduziam o tomate até à sua trituração, e apenas por períodos sazonais, de agosto a outubro, vieram mulheres alentejanas, de Casa Branca do Cano, Avis, Sousel e Estremoz. Usando batas cor-de-rosa e fazendo turnos de 12 horas, afadigavam-se a retirar tudo o que fosse prejudicial: tábuas, cobras, ratos, pedaços de rama...



Mulheres a trabalhar na fábrica Cooposor

Pernoitavam e faziam a sua vida, cuidando da sua roupa, que estendiam na rua, colorindo o quartel onde ficavam instaladas e que se localizava junto ao canal, dentro dos terrenos da fábrica.

Chegado o final da campanha, era feita a adiafa e oferecida uma bandeira, elaborada por todos os trabalhadores, aos responsáveis da fábrica, a quem dedicavam também algumas quadras.

Entre estes trabalhadores migrantes e os locais foram estabelecidos laços de amizade, recordados, ainda hoje, em fotografias e dedicatórias que trocaram.



A adiafa

Na mesma década de 60, na Erra, bem como por todo o País, os jovens partiam receosos para o Ultramar. O contacto com estruturas urbanas totalmente novas nas províncias do Ultramar e a partilha de emoções de verdadeiros significados de vida, inspiram nestes jovens trajetórias de sonhos na constituição de famílias e outras perspectivas de vida que não apenas as herdadas de anteriores gerações a nível agrário. A chegada dos jovens Errenses à aldeia, provindos do Ultramar e já vestidos à civil, depois de fazerem a desmobilização nos quartéis onde entregavam todas as fardas, era calorosa por parte das famílias saudosas, que durante uma semana preparavam bolos, comidas e mimos como se de um casamento se tratasse, a fim destes se sentirem novamente em casa. Era o início de uma vida nova!



Chegada dos soldados do Ultramar à Estação de Santa Apolónia, Lisboa

No país assistia-se a uma mudança económica e ao abandono das terras, que levou à migração de pessoas tradicionalmente ligadas ao meio rural e trabalhos assalariados agrários para a cidade, para o trabalho nas fábricas, em busca de melhores condições de vida. Coruche, neste caso particular a Erra, assiste à deslocação de famílias para as periferias da crescente Grande Lisboa, onde se deram, à semelhança de outras regiões do País, verdadeiras mudanças sociais.

Partiam, da vila de Coruche, da antiga rodoviária, que se situava no Porto João Felício, por exemplo, para ir trabalhar em fábricas como a Companhia Vidreira Nacional, Lda. – COVINA –, em Santa Iria da Azóia. Esta construiu um bairro para os seus 1200 trabalhadores, a exemplo da CUF, e uma estação de cargas e descargas por caminhos de ferro.



Antiga Rodoviária

Na representação desta memória estão bem retratadas as diferentes divisões de trabalho na região da grande Lisboa. Enquanto os

homens iam trabalhar para as fábricas, as mulheres arranjavam trabalho nos campos de cebolas e de cultivo da cenoura, nas zonas saloias. Muitas mulheres ficavam em casa a costurar e a tomar conta das crianças. Só depois do 25 de abril começam a laborar nas fábricas. Assiste-se assim a uma gradual evolução económica das famílias.

Os vidros



são aplicados  
em todos os veículos  
montados em Portugal

Nunca esquecendo as suas origens, fixaram-se por lá, voltando sempre no mês de julho para o convívio nas Festas em Honra de Nossa Senhora do Vale, padroeira de Vila Nova da Erra, local de encontro de gerações e famílias, ainda hoje verdadeiro marco cíclico da união e coesão da comunidade local. O contacto com novas realidades transformou-os, sendo admirados pelos que tinham ficado. Elas usavam calças, maquilhavam-se e tinham os cabelos cortados enquanto as Errenses não se pintavam, mantinham os cabelos compridos e apanhados e não largavam as saias.

A Nossa Senhora do Vale, admirada, respeitada e venerada por todos, conseguia reunir família e amigos. Era um "Natal" antecipado, de modo que todos puxavam a "brasa à sua sardinha", aclamando:

- Não há fogo como o da Erra.



**"SI-JOLIE,"**  
A NOVA LINHA DE PENTEADOS  
OUTONO — INVERNO

O penteado que o Cabeleireiro Carregado executará a seu gosto

Atelier na Rua de Santarém - Tel. 260

De forma inédita, Coruche, este ano, traz-nos as memórias associadas ao fenómeno da emigração de coruchenses para França na década de 60.

Os fatores determinantes para esta emigração massiva foram a crise do setor agrícola, a total incapacidade dos outros setores económicos absorverem a população rural que abandonava os campos, a falta de mão de obra em muitos países da Europa e a fuga à Guerra Colonial e à repressão política de um regime ditatorial que se vivia em Portugal. Dentro desta conjuntura, muitos portugueses emigraram com o intuito de escapar à miséria em que viviam.

A política emigratória durante o período salazarista caracterizou-se como restritiva, constituindo a principal preocupação do

Governo o controlo da emigração legal, a cargo da Junta de Emigração. O Estado assumia a responsabilidade de acompanhar o emigrante desde o momento em que este planeava a saída, durante a sua viagem e o tempo de permanência no estrangeiro.

Alguns países da Europa, como a França, no pós-guerra, conheceram uma fase de prosperidade económica, atraindo milhares de Portugueses, que aí procuraram vantajosas condições salariais e uma melhoria da qualidade de vida.

No entanto, as restrições impostas pelo Estado português levaram à formação de organizações que ajudavam os emigrantes clandestinos na saída do País.

A viagem era preparada meticulosamente muitos meses antes, através de uma rede apertada de contactos, por via do segredo, da amizade, do companheirismo e, principalmente, da coragem de centenas de Coruchenses. Episódios há de homens casados que partiam em grupo e mulheres que iam ter com os maridos já lá estabelecidos.

A exemplo disso, as orientações para a deslocação das mulheres para a via férrea de Vila Franca de Xira para apanhar o comboio até Vila Nova de Famalicão, partindo de Coruche, eram mantidas em segredo, alegando uma deslocação corrente para outro local e fim, com vista a não serem denunciadas, algumas com filhos pequenos, que as acompanhavam em total discrição. Chegadas a Vila Nova de Famalicão, deslocavam-se a uma pequena taberna da rede organizada e procuravam "o passador", pernoitando uma noite em casa do mesmo, e iniciando no outro dia a descida pelas largas encostas montanhosas da fronteira luso-espanhola, temendo os carabineiros ou polícia. Durante todo o período de viagem "a salto" pouca roupas e bens levavam consigo. As crianças eram treinadas a dizer o menos possível e a colaborar com as mães, que os transportavam nas descidas atribuladas das montanhas em total silêncio. Entre choros, pessoas a caírem e a tropeçarem, e os arbustos a estalejar, de vez em quando o grupo parava a escutar à sua volta o silêncio seguro para continuar. Andava-se para a frente, sem nunca olhar para trás, até chegar à fronteira espanhola. Pernoitando, após esse risco, em casas onde redes de entreaajuda, padres espanhóis inclusive, ajudavam as mulheres e famílias portuguesas, viajando discretamente de comboio até Paris.



Segundo então para Colmar, a 2100km de Coruche (número curiosamente igual ao código postal da terra natal). Situada na região denominada de Alto Reno (Haut Rhin), a 17km da Alemanha, esta cidade acolheu milhares de coruchenses, que ao longo de anos conseguiram adaptar-se, sendo a comunidade mais bem sucedida geracionalmente.

Depois da adaptação a um novo país e a uma nova língua, as famílias coruchenses conseguem a estabilidade profissional procedendo à legalização nos serviços da polícia civil francesa.

No ano de 1967 é formado o Football Club Amicale des Portugais de Colmar, por um grupo de jovens portugueses chegados anos antes e que gostavam de futebol, sendo o primeiro presidente, durante 20 anos, um coruchense de seu nome Filipe Balsa. Manuel Vaz Dias era o secretário e Carlos Rodrigues, conhecido por Carlos Sapateiro, também este de Coruche, era o tesoureiro.



Equipa de futebol dos emigrantes de Colmar | 1971

No ano de 1969 é criada a Associação Amicale des Portugais de Colmar (Centro Português de Colmar), um espaço de convívio e amizade entre todos e que teve como sócios fundadores um grupo de coruchenses.



Convívio de emigrantes em Colmar, 1969

Associado à vida de emigrante está o conceito de retorno e das viagens de férias e visita às famílias em Portugal, muito com base no conceito de saudade, bem português.

No início da emigração nem sempre foi possível o estabelecimento de férias e vindas regulares. Mas gradualmente, e após o 25 de abril, as vindas a Portugal nos períodos de verão, e em particular pelas tradicionais Festas em Honra de Nossa Senhora do Castelo, no mês de agosto, tornaram-se um hábito, mesmo para as várias gerações de luso-descendentes.

Fazendo parte de uma história recente, o Cortejo Histórico e Etnográfico este ano dá jus a esta memória, dando aqui o tributo a todos os emigrantes e suas famílias e amigos.

«Suspensão Oleopneumática»  
A mais moderna concepção técnica aliada  
à maior distinção  
AGENTE EXCLUSIVO  
**CITROËN**  
**FOTO SORRAIA**  
CORUCHE  
6 fotos em 15 minutos — 15\$00  
Serviço de Reportagem e Amadores  
Não confunda com outras casas  
FOTO SORRAIA — Rua de Santarém, 29-A

### TRADICIONAL ALMOÇO DO CAMPINO

No final do cortejo é oferecido um almoço, pela Câmara Municipal de Coruche, a todos os que tornaram possível a realização deste evento.



#### ENTIDADES QUE COLABORARAM PARA A REALIZAÇÃO DO ALMOÇO TRADICIONAL DO CAMPINO:

Panificadores Reunidos de Coruche, Intermarché, Supermercados Docemel, Carnes Sorraia, José Alfredo Ferreira Lda., Sociedade Agrícola Torre D. Diogo, Raporal S.A., DAL, S.A., Arrozéis Mundiarraz, S.A., Quinta Grande, Lda., Marquês Lopes Barroso, Manuel Agostinho Correia, Pingo Doce, Talho do Manel, Talho de Maria Claudina Bizarro, Atlantic Meals, Mário Godinho, Mafalda Sofia Faria Lopes Cecília, Nestlé Waters Direct, Avelino Pé-Leve, Quinta da Arriça, João Portalegre, José Silvestre Neves, Nelson Soldado, Cecília, Lda.

#### AGRADECIMENTOS:

Associações e coletividades, Casas agrícolas, Comissão de Festas, Freguesias do Município e arredores, Funcionários da Autarquia de Coruche, Grupos de Folklore do Concelho, pessoas coletivas e singulares que apoiaram a realização do Cortejo Etnográfico e do Trabalho.

#### PESQUISA:

Adriana Lopes, Clara Joaquim, Dulce Patarra, Hélder Santos, Helena Diogo Claro, Helena Nogueira, Liette Correia, Mafalda Santos, Maria do Castelo Morais, Raquel Marques e a todas as pessoas que se disponibilizaram a colaborar.

#### FOTOGRAFIAS:

Arquivo Fotográfico Museu Municipal de Coruche, Feliciano Diogo, Fundo Rancho Folclórico da Fajarda, João Tomás, Jornal O Sorraia, anos 60, Leonor Adosinda Valério, Maria José Nunes Barroso, Raquel Marques, Vítor Mesquita.

#### BIBLIOGRAFIA:

Bento, Heraldo — Um olhar sobre Coruche: factos e curiosidades, vivências, Coruche: Câmara Municipal, 2003.  
Fonseca, J. Ernesto da — A cultura do arroz e as migrações, texto polycopiado, Agosto de 2012.  
Garcia, Alberto — Santo António do Cossou: estudo monográfico, Lisboa: Edições Gama, 1948.  
Godinho, Paula — Memórias da Resistência Rural no Sul: Couço 1958-1962, Oeiras: Celta Editora, 2001.  
O Sorraia, ano IV, n.º 83, 1964.

#### A salto

Deste Sorraia um dia partilhavam  
À procura de outro lugar  
E as saudades que senti  
Os sonhos que lá vivi  
Convidaram-me a regressar.

Foi a salto, noite escura  
Que o passador me levou  
Numa viagem pouco segura  
Como fui capaz dessa loucura  
A que Salazar me obrigou.

O regime era severo  
E até matava podem crer  
Quando voltares cá te espero  
Digo isto a ser sincero  
Aquilo era só sofrer.

Mas consegui lá chegar  
Com muito orgulho em mim  
Numa viagem sem parar  
Outros conterrâneos lá encontrar  
Mas emigrar é mesmo assim.

Hoje recordo com carinho  
Como era a nossa malta  
Sempre com o garrafãozinho  
O boné de flanela ou de linho  
Esse tempo não me faz falta.

Nessa terra de acolhimento  
De gente de bom coração  
Apaziguaram o meu sofrimento  
E até passei um bom momento  
Quando fugi da minha nação.

Mas ter sido emigrante  
é uma vivência particular  
Marinheiro ou viajante  
Desta pátria equidistante  
Para ser feliz ao regressar.

Joaquim Nunes

